



Órfãos do Eldorado: raízes da regionalidade na ficção amazonense

Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho¹
Mariana Soares dos Santos²
Walquiria Lima da Costa³

RESUMO:

A literatura ficcional brasileira contemporânea é uma literatura complexa, assim como o seu tempo de produção. Ela está diretamente relacionada a uma diversidade temática, estilística e estética em diálogo com uma contemporaneidade dissoluta e em ostensivo processo de atualização. Mediante a isso, o objetivo deste artigo é discutir a regionalidade revisitada na obra **Órfãos do Eldorado** (2008), do autor amazonense Milton Hatoum, para isso, utilizou-se como método a discussão bibliográfica. Nessa perspectiva, a estética regional e a memória como argumento narrativo foram analisados como elementos basilares na compreensão narrativa da obra de Milton Hatoum.

PALAVRA-CHAVE:

Ficção contemporânea.
Contos Indígenas.
Regionalidade.
Memórias.

¹ Professora efetiva da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e professora do programa de pós-graduação da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Mestre em estudos literários pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutora em Letras – Literatura comparada pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Email: ana.carvalho@uemasul.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1367-1893>.

² Especialista em Metodologias Inovadoras aplicadas à educação: Ensino de Língua Portuguesa, pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESF). Mestra em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Email: mariana.santos@uemasul.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7745-1040>.

³ Professora da Prefeitura Municipal de Imperatriz. Especialista em Educação em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestra em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Email: walquiria.costa@uemasul.edu. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3644-969X>.

1 Tramas regionais

A literatura brasileira possui uma rica e grandiosa trajetória, compreendida em períodos de produção literária imbricados por discursos sociais importantes para a história da formação cultural do país. Sob esse olhar acerca do contexto histórico e social da literatura brasileira, a literatura regional se consolidou como uma produção literária inovadora do ponto de vista estético e narrativo, contudo é também uma literatura permeada por estigmas e rótulos reducionistas.

A postura classificatória repercutida historicamente pela crítica literária colaborou com a internalização de leituras equivocadas relacionadas à literatura regional, dentre elas, a noção distorcida de literatura limitada pela própria estrutura (PELINSER, 2020, p. 3). No entanto, a revisão da crítica literária contemporânea tenta desconstruir essa percepção por meio de uma abordagem de leitura que considera as discursividades e as temporalidades que atuam sobre as narrativas literárias regionais (PELINSER, 2020, p. 11).

Nesse sentido, a literatura regional compreende os elementos identitários de uma região ou lugar, apresentando discursividades sobre aspectos sociais, políticos, econômicos e familiares (JÚNIOR, 2011, p. 33). Trata-se, portanto, de uma literatura que procura entender o presente por meio de uma ficção de realidades outrora reais, mas sempre baseada na inter-relação afetiva dos indivíduos e da sociedade. Dessa forma, compreender o fenômeno regional requer a superação de percepções genéricas sobre a região e “[...] deve levar em conta tanto o campo da produção material quanto o das representações e símbolos” (HAESBAERT, 2010, p. 17).

Nesse contexto, a literatura regional ficcional contemporânea traz uma revisão de sua própria estrutura (PELINSER, 2020, p. 2), dentro de um espaço-tempo, carregado de simbologias que moldam, adaptam os personagens, pois estes serão revestidos de características de acordo com os aspectos geográficos, econômicos, populacionais e históricos de uma região (PELLEGRINI, 2004, p. 129), como é o caso da obra **Órfãos do Eldorado** (2008), de Milton Hatoum.

Nela, Hatoum faz referências aos povos indígenas do Amazonas e seus contos, utilizando-os para dar vida, afetividade e memória ao narrador-personagem, Arminto Cordovil, herdeiro de diversas riquezas, dentre elas um navio mercador cujo nome também é Eldorado. É no emaranhado entre a realidade e a ficção da região amazônica que o conflito da narrativa ganha caminhos misteriosos, cidades submersas, seres encantados e desaparecimentos.

2 Regionalismo Revisitado

O regionalismo dentro da literatura contempla uma narrativa que se apossa de elementos identitários substanciais para uma região. Isto posto, o regionalismo tecido na literatura trata de um espaço construído por discursos e elementos que formam um conjunto significativo para a identidade social de um determinado espaço (PELINSER, 2014, p. 59). Desse modo, a região é uma condensação espaço-cultural usada pelos sujeitos para realizar a construção das identidades regionais (JOACHIMSTHALER, 2009).

É a partir do mito, da lenda e do costume que as narrativas regionais se edificam. Na contemporaneidade, a literatura se direciona para as narrativas que buscam entender o presente por meio do conflito, mediante as dissoluções e fragmentações que compreendem as estruturas das relações afetivas, individuais e coletivas desses tempos.

[...] Na verdade, tais espaços não se confundem, embora tenham cada vez mais pontos de contato elaborados pela ficção contemporânea. Tanto na periferia urbana quanto nesse sertão marcado por contradições, essa literatura tem procurado iluminar a condição humana em face da iniquidade e, muitas vezes, da impotência. Mas enquanto a literatura da primeira metade do século XX ainda acenava com uma possibilidade de esperança, ao vislumbrar o horizonte da migração, a contemporaneidade, ciente de seus resultados reais, assinala mais um processo abortado [...] (PELINSER, 2020, p.11).

Acerca disso, Resende (2008, p. 28) explica que “[...] as formações culturais contemporâneas parecem não conseguir imaginar o futuro ou reavaliar o passado antes de darem conta [...] da compreensão deste presente que surge impositivo [...]”. Essa dinâmica de dissecação das várias camadas estruturantes da sociedade se revela em narrativas profundas, em que o olhar para as inquietudes pessoais e para os contextos sociais vulneráveis ganha protagonismo.

A partir da percepção acerca da produção literária contemporânea, a literatura regional realiza um movimento de revisão da sua própria estrutura, utilizando para isso um microcosmo narrativo a partir de um espaço regional. Nesse sentido, o elemento espaço, bem como a temporalidade, são estruturas importantes na literatura regional em decorrência do poder que as simbologias possuem sob essas estruturas (ARENDR, 2015). Vê-se que o espaço é importante para a literatura regional porque funciona como um fator que influencia as ações narrativas e moldam as personagens.

Assim, as produções regionais se diferenciam das demais mediante aspectos geográficos, econômicos, populacionais e históricos que são inerentes a essas

produções, uma vez que fazem parte das construções e conflitos dos personagens que interagem com esses espaços, “Portanto, região, em literatura, tem sido região nos seus aspectos físico, geográfico, antropológico, psicológico etc., subsumidos na história relatada (a temporalidade)” (VICENTINI, 2008, p.188), é o que acontece com o sertão brasileiro, por exemplo.

De fato, os aspectos geográficos/naturais são os que mais se destacam dentro dessas narrativas por provocar visualmente e possibilitar que o leitor distinga esse espaço narrativo dos demais. Além disso, as características ambientais de uma região influenciam em outros aspectos comportamentais de uma sociedade, como a econômica, as variações linguísticas e as tradições que são reproduzidas pelo imaginário coletivo.

A feitura da literatura regional busca com esses elementos situar a narrativa mediante um contexto em que as regionalidades estão intrínsecas às construções pessoais e coletivas dos personagens. Por isso, a narrativa por meio de um espaço demarcado por esses elementos identitários, trabalha com recortes temporais e espaciais para discutir temas como o conflito familiar, a desilusão amorosa ou a exclusão social (VICENTINI, 2008), em que a abordagem discursiva mediada pela inclusão das regionalidades imprime a essas narrativas perspectivas outras sobre essas temáticas.

[...] Nesse mesmo impulso, surgiu uma atenção renovada sobre os traços de identidades em perspectivas nacionais, multiculturais, étnicas e de gênero que pudessem ser verificadas e analisadas não apenas como sintomas de conteúdo, mas também como formações discursivas aqui acumuladas sob a forma de traços linguísticos híbridos na oralidade dos relatos (SCHOLLHAMMER, 2009, p.89).

Em uma perspectiva histórica, a literatura regional dentro do cânone da literatura nacional buscava representar o Brasil a partir das distinções geográficas e naturais por meio de narrativas que exploravam o aspecto nativo do país. Ademais, o local é narrado em sentido estrito e a disposição de elementos naturais, como as florestas e os rios, são determinantes para os personagens e as escritas virtualizadas nesse espaço (SOUZA, 2013).

Após o período romântico, a literatura regional conquistou um espaço de grande relevância no cenário nacional com a geração modernista composta por grandes nomes como Jorge Amado, Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa (LEONEL; SEGATTO, 2008).

De acordo com Souza (2013), a literatura regionalista moderna contribuiu para que narrativas antes excluídas do contexto nacional, como os conflitos sociais e históricos nordestinos, ganhassem destaque e fossem reconhecidas como realidades

a serem contadas. Sendo assim, essa literatura foi inovadora esteticamente ao apresentar uma linguagem que explorava os neologismos e as variações linguísticas.

Na contemporaneidade, as obras literárias regionais utilizam a regionalidade como forma de preservação e valorização das fortunas culturais e identitárias regionais, em que “Podem-se aí reconhecer usos culinários, manejos lingüísticos, crenças fundamentais que impregnam por igual os membros da comunidade e permitem que se reconheçam a si mesmos, diferenciando-se ou opondo-se [...]” (PELLEGRINI, 2004, p.125).

Além disso, a literatura regional se reinventou com uma estrutura narrativa apoiada na ocorrência da memória afetiva em recortes temporais de visitaçao ao passado, “É o fluxo da memória, criando uma cadeia de causas e efeitos, elaborando a realidade por meio de um processo mental [...]” (PELLEGRINI, 2004, p.122). O passado nesse contexto, funciona como uma forma de (re)significar a narrativa por meio do resgate da memória frente a dissolução das relações individuais e coletivas provocadas pelo movimento capitalista de massificação cultural da contemporaneidade, “[...] Ou seja: cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização [...]” (POLLAK, 1992, p. 207).

Assim, as produções regionais contemporâneas buscam convergir suas narrativas com o revisitar das experiências pessoais dos personagens em contextos que reverberam a influência das regionalidades, é o que acontece, por exemplo, nas obras do autor amazonense Milton Hatoum (SILVA, 2010). Nessas obras, predomina a relação entre as tramas familiares conflituosas e o resgate das lembranças afetivas, em que “[...] os narradores de Hatoum gostariam de acordar seus mortos e juntar seus fragmentos [...]” (LEMONS, 2018, p.131).

Dentro dessa dinâmica, o espaço também configura um referencial narrativo, ao mesmo tempo em que é parte integrante da discursividade de cada personagem, assim, “[...] ao revisitar Manaus, Milton Hatoum cria um espaço regional que mantém viva a memória daqueles que nele habitam e contribui para a (des)construção dos personagens [...]” (PICCOLO, 2016, p. 70). O Amazonas dentro da literatura de Hatoum é mais que uma ambientação, “Este cenário não limita-se apenas à espacialidade, mas também as referências linguísticas, os termos regionais, a culinária, assim como tantos outros elementos que caracterizam este espaço múltiplo [...]” (PICCOLO, 2016, p. 72), configurando assim, um personagem a parte que interage com os demais em uma relação que transcende as fronteiras físicas, em que um age sobre a história e a construção do outro. Sendo assim:

Esse regionalismo revisitado de Hatoum consiste, portanto, numa mescla de elementos que brotam de todos os matizes de uma matéria

dada por uma região específica, com outros advindos de matrizes narrativas de inspiração europeia e urbana, formadoras da nossa literatura, tudo filtrado por um olhar que contém horizontes perdidos num certo oriente e num outro tempo. Com isso, o autor revitaliza o gênero, num momento da história da ficção brasileira em que ele parecia aos poucos estar se esgotando (PELLEGRINI, 2004, p.129).

De fato, as contribuições de Milton Hatoum destacam a tendência contemporânea do regionalismo literário de resgate afetivo, em que olhar para o passado é fundamental para a construção narrativa. O tempo, nessa perspectiva, é capaz de sustentar a narrativa literária, “Aquele tempo, descoberta da modernidade, cujo fluir permite ao indivíduo manter contacto com o continuum de sua própria identidade” (PELLEGRINI, 2004, p. 122).

Além disso, o autor amazonense apresenta como característica desse chamado (neo)regionalismo a abordagem dada aos elementos constituintes da regionalidade do lugar. Como Schollhammer (2009) aponta, a literatura de Milton Hatoum consolidou o olhar para o regionalismo centrado na diversidade cultural e folclórica do Brasil.

Visto isso, a literatura regional contemporânea consegue desenvolver narrativas dentro de uma perspectiva em que os traços identitários e simbólicos de uma região se misturam com os arcos narrativos dos personagens organicamente. Nesse sentido, para Hatoum “[...] o local é importante na medida em que é nele que se desenvolvem as ações e os dramas familiares” (CECCARELLO, 2010, p. 11). Dessa maneira, a obra de Milton Hatoum se alicerça em uma ficção que interage com aspectos da construção cultural e social manauara. Tendo isso em vista, o regionalismo “revitalizado de Hatoum repousa, assim, em dois pontos centrais, a memória e a observação, sendo aquela inteiramente responsável pela carga afetiva que a esta dinamiza [...]” (PELLEGRINI, 2004, p. 134).

3 A memória como argumento narrativo

Segundo Halbwachs (2006) a memória é um fenômeno de origem coletiva muito distante da experiência individual e solitária a que o sujeito está acostumado a processar. Para o autor, “[...] ela está na interseção de muitas correntes do “pensamento coletivo” [...]” (2006, p.13), sendo a memória individual apenas uma consequência de inúmeras interferências históricas, sociais e culturais a que todos estão sujeitos.

A tentativa de recuperação da própria narrativa pela memória é uma forma de reconstrução de espaços, tanto subjetivos quanto físicos. Nesse sentido, a concepção do espaço geográfico constitui uma dinâmica de revisitação do lugar e dos contextos

a que esses espaços estão submetidos. Os objetos, os cômodos da casa, as ruas, são elementos vivos dentro dessas narrativas, são elementos possuidores de historicidade e de “pessoas”. A memória reconta o passado pela reconstrução desses espaços e, conseqüentemente, revisita os contextos históricos e sociais que os permeiam.

É importante entender o espaço revisitado como um lugar berço das experiências coletivas e pessoais introjetadas nos sujeitos dentro desses ambientes e, por isso, são elementos recorrentes no processo de recordação afetiva. Na literatura, esse elemento é um importante recurso que possibilita montar um quebra-cabeça por meio das recordações na narrativa, dessa forma, “A paisagem não é identificada como a matéria bruta da história geológica, mas como sedimentação das relações humanas que moldam e são igualmente emolduradas pelo ambiente [...]” (ALVES, 2015, p.53).

Em **Órfãos do Eldorado** (2008), a narrativa se consolida com a exposição dos fragmentos da memória do personagem Arminto em sua busca obsessiva pela enigmática Dinaura. O conflito na trama de Hatoum se concentra na deterioração da família Cordovil. Arminto, último Cordovil vivo, vê o dinheiro da família acabar enquanto engata uma aventura pelo Amazonas na tentativa de reencontrar o seu grande amor da juventude, Dinaura, desaparecida misteriosamente.

Em consonância com a trama familiar, as lendas indígenas da região amazônica se destacam como elementos de composição dos personagens. Dessa maneira, configura-se uma narrativa com um processo de revisitação ao passado em duas perspectivas: a de contar a trajetória do protagonista Arminto, junto a história geracional da família e a sua destrutiva relação com o pai; e a de visitar as lendas indígenas e ribeirinhas da região amazônica, onde são utilizados os causos populares.

Ressalta-se que os causos populares são relatos de fatos reais ou fictícios, contados para agradar o leitor/ouvinte. Enquanto as histórias, construídas dentro do processo de memória oral e memória coletiva, tanto nas tradições como nos saberes indígenas, permaneceram (e permanecem) tão vivas e tão presentes, pois estão enraizadas na história e na cultura dos povos, principalmente do povo brasileiro, uma vez que sua origem se constitui de vários povos e das mais diversas culturas e tradições.

4 O conto indígena na obra de Hatoum

Ao iniciar a história, o narrador de **Órfãos do Eldorado** (2008) apresenta um fato ocorrido na infância do narrador-personagem, Arminto Cordovil, que envolvia tanto os contos indígenas como o desaparecimento de uma tapuia que se entrega às águas do rio.

Uma índia, uma das tapuias da cidade, falava e apontava o rio [...]. Até o dia em que foi atraída por um ser encantado. Agora ia morar com o amante, lá no fundo das águas [...] E todos viram como ela nadava com calma, na direção da ilha das Ciganas [...], mas não encontraram a mulher. Desapareceu. Nunca mais voltou (HATOUM, 2008, p. 7).

Nesse cenário entre a realidade e a ficção, a narrativa discorre sobre a história e a vida deste narrador-personagem, apaixonado por uma indígena, Dinaura, que desaparece, como um passe de mágica, ou melhor, de encantaria sem deixar vestígios para seu enamorado. Para complicar o enredo, as pessoas começam a falar que ela foi para a cidade submersa, que um encantado a levou.

Sobre os encantados, seres místicos e mitológicos do Amazonas, vale destacar o mito do Eldorado, da parte colombiana, o conto indígena sobre a cidade das águas, na obra de Zeneida Lima (2002) e o mito dos encantados na ficção **Órfãos do Eldorado** de Hatoum (2008). Ressalta-se que os três textos base são da região amazônica e, por isso, estão interligados dentro do sincretismo religioso daquela população, uma vez que “os mitos, assim como as culturas, viajam e estão entrelaçados. Pertencem à História e à memória coletiva” (HATOUM, 2008, p. 49).

Assim sendo, a origem do mito do Eldorado data entre 1531-1532, “[...] quando o conquistador Diego de Ordaz foi informado sobre a existência do País de Meta, que seria rico em ouro e pedras preciosas” (LANGER, 1997, p. 28). Em 1534, o indígena Muequetá (Muiziquitá como também era chamado) foi encontrado por Luiz de Daza, no Equador. Muequetá descreveu seu país, referindo-se “[...] primeira vez ao cacique que se banhava com ouro em uma lagoa” (LANGER, 1997, p. 28). A partir daí, surgem muitas outras histórias e buscas por essa cidade de ouro, como a que afirma que um príncipe se “banhava” com ouro em pó. Segundo Langer (1997):

A repercussão desse depoimento para a mentalidade do período foi fundamental. Não se encontrou em nenhuma cultura indígena até aquele momento, uma utilização de riquezas de tal modo - característica de uma raça muito rica e portadora de fabulosas riquezas. Essa tradição do homem dourado, advinda de informações indígenas, foi baseada em um culto religioso dos Chibcha (situados na Colômbia) (LANGER, 1997, p.28).

Desse modo, o mito se concretiza a partir desses relatos, cujos artefatos feitos com ouro foram jogados dentro do lago ou enterrados em terras colombianas. Assim, quando se deu o início às descobertas desses objetos, associou-se ao mito do Eldorado de que a cidade perdida estava submersa. De acordo com Langer (1997, p. 30), “[...] tendo conhecimento da relação sol-ouro para os indígenas civilizados, os espanhóis associaram aos países imaginários a existência desses locais”.

Na região amazônica, o misticismo indígena diverge entre os povos indígenas, mas são muitas as semelhanças entre suas culturas, saberes e tradições. É assim que os encantados (caruanas) estão presentes dentro dessa cultura tradicional indígena, conforme afirma Lima (2002) ao escrever seu livro sobre seu assentamento como pajé.

O fio condutor deste livro é minha crença e as minhas raízes de fé, a minha integração com a natureza do Marajó. Minha energia física, mental e espiritual, meu poder de comunicação com um mundo fascinante e pleno de mistérios. São as últimas marcas de um culto em vias de extinção. Herança do ameríndio e absorvida pela nossa civilização (LIMA, 2002, p. 15-6).

É justamente esse mundo fascinante e pleno de mistérios que envolve o imaginário dos seres humanos em relação àquilo que lhes é diferente, duvidoso, que foge dos padrões já conhecidos e vivenciados, que atrai a atenção de curiosos e pesquisadores em busca de respostas, achados, como o mito da cidade perdida Eldorado. Mas quando se trata de temáticas relacionadas à espiritualidade, à religiosidade, esse imaginário se torna uma arma de discriminação, de exclusão, de invisibilidade, como assegura Branco (2017) para quem:

Na Amazônia, o Xamanismo recebe a denominação de pajelança cabocla, uma vez que a pajelança indígena está em constante processo de mudança desde o processo de ocupação das terras pelo europeu que, ao contatar grupos de origem africana, acaba por resultar em práticas religiosas no Brasil, retratados numa espécie de sincretismo religioso, considerado negativo pelos intelectuais da época [...] (BRANCO, 2017, p. 58).

Com base na pajelança indígena, os caruanas são mencionados na obra de Zeneida Lima (2002) ao se referir ao lugar em que os encantados moram, ressaltando que:

Dentro desse quadro aquático, onde a luta pela sobrevivência exige conhecimento profundo das condições dos locais, encontram-se uma infinidade de lendas, casos, histórias verídicas, sedimentadas na cultura do ameríndio e absorvidas pela cultura do colonizador [...] Os caruanas podem estar em qualquer lugar [...] Eles vêm das Sete Cidades encantadas no fundo do mar (LIMA, 2002, p. 82).

Referindo-se a cidades submersas, Lima (2002) narra sobre a origem do mundo místico e do mundo terrestre, no qual o “Girador” (criador) trabalhou arduamente e construiu sete cidades, que por desobediência de seu cuidador, Auí, tornaram-se submersas, pois “[...] foram cobertas pelas águas e encantadas” (LIMA, 2002, p. 223).

A partir dessa visão mística da encantaria, os mitos e lendas da Amazônia se interligam e viajam pelo imaginário ficcional humano. Nessa junção, Branco (2017) afirma que:

A Amazônia, para alguns, seria o paraíso perdido ou o eldorado escondido. Tudo se resume em um emaranhado de contos, mitos e lendas. Adentrar no mundo amazônico é sentir o aroma das ervas, sentir a magia das águas e da floresta e se deixar envolver pelos mitos e sincretismo religioso, oriundo do mundo indígena, africano e europeu (BRANCO, 2017, p. 56).

Mergulhando nesse mundo amazônico, Hatoum (2008) aborda a questão mística dos encantados e da cidade submersa para regionalizar sua obra, cujo narrador-personagem relata sobre as “[...] lendas que eu e Florita ouvíamos dos avós das crianças da Aldeia. Falavam em língua geral” (HATOUM, 2008, p. 7). Essas histórias eram narradas a partir de detalhes descritivos tanto do aspecto social como econômico das cidades de Manaus e Vila Bela, que eram os locais em que a família Cordovil tinha imóveis e negócios.

Observa-se também que a família Cordovil ao mesmo tempo em que era reconhecida como uma família renomada e tradicional, era na mesma proporção odiada. Enquanto o avô de Arminto, Edílio Cordovil, era conhecido por ser cruel, mas trabalhador, seu pai, Amando Cordovil, era adorado por suas caridades.

Assim, nesse contexto histórico de uma família bem-sucedida, abastada, Arminto Cordovil foge do tradicional e se entrega a uma vida de luxo, viagens e descobertas até conhecer sua amada Dinaura. Este, por sua vez, afirma contar “[...] o que a memória alcança, com paciência [...]” (HATOUM, 2008, p. 8), desde a sua tenra infância até sua extrema pobreza.

Partindo dessas narrativas do que a memória alcança, encontram-se as lembranças sobre a cidade perdida, encantada, como referência de morada, em muitos trechos da obra de Hatoum (2008), fazendo também relação com o mito Eldorado e com as cidades encantadas da pajelança indígena, como fica evidente nos trechos: “Quando decidi viver com a minha amada no palácio, ela sumiu deste mundo. Diziam que morava numa cidade encantada, mas eu não acreditava” (2008, p. 8), “No porto de Vila Bela, alguém espalhou que a órfã era uma cobra sucuri que ia me devorar e depois me arrastar para uma cidade no fundo do rio” (2008, p. 17), e “[...] Florita soube que ela queria viajar para a cidade submersa” (2008, p. 23).

É no desenrolar da narrativa que Dinaura reaparece. Quando, possivelmente, não há mais esperança para um amor correspondido, trazendo revelações sobre sua origem, seu desaparecimento e o Eldorado, conforme rememora:

Estiliano abriu uma folha de papel e me mostrou um mapa com duas palavras: Manaus e Eldorado [...]. Já foram sinônimos, disse ele. Os colonizadores confundiam Manaus ou Manoa com o Eldorado. Buscavam o ouro do Novo Mundo numa cidade submersa chamada Manoa. Essa era a verdadeira cidade encantada [...]. Ela foi morar no povoado da ilha, o Eldorado, disse Estiliano [...]. Sei que Amando [...]. Teu pai quis conversar comigo [...] estava nervoso, angustiado. Quase não reconheci o homem. Disse que sustentava uma moça órfã. Por pura caridade. Depois disse que não era só caridade [...]. Não me disse se era filha ou amante... Tinha idade para ser as duas coisas. No começo pensei que fosse filha dele, depois mudei de ideia (Hatoum, 2008, p. 45).

É importante destacar que os elementos simbólicos da região amazônica atuam como partes constituintes das personalidades dos personagens, em especial dos protagonistas Arminto e Dinaura. A paixão obsessiva do protagonista por Dinaura está relacionada com a áurea de dissociação da realidade habitada por Dinaura. O olhar inconclusivo e distante atrai Arminto desde o primeiro encontro. Aos poucos esse mesmo olhar revela uma mulher de personalidade difusa, o que também contribui para entender a relação da personagem com os seres místicos das águas amazônicas.

O mito dos encantados é direcionado para motivar o arco narrativo do personagem de Arminto. Segundo a lenda (re)contada ao protagonista, Dinaura teria sido levado, contra a sua vontade, às profundezas do rio e lá se encontrava triste e saudosa. A tristeza de Dinaura e o abandono sem explicação são as motivações do protagonista que sai em busca de respostas, no entanto, já se sabe que o destino dela está selado com os mistérios do rio.

Outro ponto a ser ressaltado diz respeito a importância da lenda do Eldorado para os nativos que sobrevivem às mudanças esmagadoras que os avanços industriais e os conflitos modernos trazem para as pessoas que vivem nos entornos do rio, tanto na cidade urbana como nas partes ribeirinhas. No início do romance, a lembrança de uma mulher indígena gritando que iria morar com os encantados, implorando pela morte, como forma de refúgio à pobreza e as tragédias que até ali viveu, revelam o aspecto perverso da inclusão indígena nos espaços urbanos da Amazônia. Essa menção às profundezas do rio como subterfúgio percorre a narrativa diversas vezes, além de ser recontada com terror pelos outros habitantes da cidade.

O temor pelo desconhecido reverbera na reprodução do mito do Eldorado que se manifesta como uma lembrança imaginária e coletiva das comunidades ribeirinhas. A lenda é vista como um desatino irreversível do destino, para alguns um desfortuno, para outros, o único jeito de (sobre)viver. O resgate da memória afetiva dos povos ribeirinhos e indígenas é realizado na reprodução da lenda do Eldorado e dos encantados. E se, por um lado, essas lendas em seu tempo de produção buscavam explicar o processo de criação da vida e a formação das estruturas sociais dessas

comunidades indígenas, na narrativa contada à Armino, elas são entendidas como um lugar de fuga para esses povos que, subtraídos de quaisquer direitos, encontram nessas lendas a esperança de retorno a ancestralidade.

Nesse sentido, o entrelace entre mito e realidade constitui uma narrativa que explora a regionalidade amazonense, a riqueza e a diversidade da mitologia indígena como discursividades que contam para além dos conflitos pessoais dos personagens. A relação espiritual que eles têm com o mito e, conseqüentemente, com o rio revelam que os aspectos simbólicos presentes nos contextos narrativos são possuidores dos personagens na obra de Hatoum.

4 Conclusão

A literatura regional é um espaço de reverberação de discursos identitários e culturais que se misturam com a projeção de uma linguagem estética. Não se trata de uma narrativa submetida a um contexto regional, é uma relação indissociável e irreconciliável, impossível de ser desfeito. Uma narrativa que se estabelece dentro de um contexto diferenciado, seja em termos culturais, geográficos, econômicos, históricos, está irremediavelmente conciliada a esses fatores. E essa não é uma disposição empobrecedora da narrativa, muito pelo contrário, as fortunas literárias condicionadas à literatura regional são diversas e surgem mediante as relações humanas que foram desenvolvidas nessas regiões.

Na obra de Milton Hatoum, a regionalidade do povo amazonense, criado às margens dos rios que cortam a região, junta-se a grandiosidade das narrativas indígenas, surgidas da diversidade de comunidades nativas, e do recobrar das lembranças passadas possibilitada pela memória. Constrói-se, assim, uma trama em que esses elementos regionais atuam como forma e meio para a narrativa.

A lenda indígena dos encantados e do Eldorado ajudam a entender a relação das comunidades indígenas mediante ao contexto da cidade, enquanto é possível notar como as mudanças temporais, visíveis na narrativa literária, atuam como fatores modificadores das próprias lendas. Na obra de Hatoum, esses elementos são fortunas discursivas que refletem o passado em uma dinâmica de revisitação à memória afetiva.

Nesse sentido, a narrativa de **Órfão de Eldorado** (2008) constitui uma literatura contemporânea voltada para o trabalho com elementos de extrema relevância para o contexto regional amazonense. Construindo, para isso, uma linguagem apoiada no poder discursivo desses elementos, mediante uma estética que utiliza a memória como argumento narrativo, em um processo de visitar e recontar o passado histórico e imaginado.

Referências

- ALVES, Mirela Souto. A cidade-memória: a Salvador de A grande Feira. **Dossiê cinema e audiovisual: entre o sensível e o reflexivo Arquivos do CMD**. v. 3. n. 1. p. 49-62, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/CMD/article/view/8906/7938>. Acesso em 13 de mai. de 2022
- ARENDRT, João Claudio. Notas sobre regionalismo e literatura regional: Perspectivas conceituais. **Revista Todas as letras Z**. São Paulo. v. 17. n. 2. p. 110-126, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v17n2p110-126>. Acesso em: 23 de abr.de 2022.
- BRANCO, Roseanne Castelo. A pajelança cabocla: aspectos da tradução entre a feitiçaria e xamãs. **Nova Revista Amazônica**. Pará. v. 1. p. 55 - 66, 2017. Disponível em < <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/nra>>. Acesso em: 12 ago. 2022.
- CECCARELLO, Vera Helena Picolo. O debate acerca do regionalismo nos dias atuais: O caso da obra de Milton Hatoum. In: VI ENECULT: Encontro de estudos multidisciplinares e cultura. 2010. Anais, Salvador, p. 1-13, 2010. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24698.pdf>. Acesso em 15 de março de 2022.
- HAESBAERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. **Antares**, Caxias do Sul. n. 3, p. 2-24, 2010. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/416>. Acesso em 13 de mar. de 2022.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauto, 2006.
- HATOUM, Milton. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- JOACHIMSTHALER, Jürgen. A literarização da região e a regionalização da literatura. **Antares**. Caxias do Sul, n. 2, p. 27-60, 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/download/400/330>. Acesso em 22 de mai. de 2022.
- JUNIOR, Durval Muniz Albuquerque. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LANGER, Johnni. O mito de Eldorado: origem e significado do imaginário sul-americano (século XVI). **Revista de História** 136. São Paulo. n. 136. p. 25-40, 1997. Disponível em: <researchgate.net/publication/313785291_O_mito_de_Eldorado_origem_e_significado_do_imaginario_su-lamericano_segulo_XVI>. Acesso em: 17 mar.2022.
- LEMONS, Vivian de Assis. Das ruínas à memória: a travessia familiar em Relato de um certo Oriente e Dois Irmãos. 2018. Tese (doutorado em letras) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/157369/lemons_va_dr_sjrp.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 15 de março de 2022.
- LEONEL, Maria Célia, SEGATTO, José Antonio. O regional e o universal em Guimarães Rosa. In. XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências. Anais, São Paulo,

2008, p. 1-11. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/052/MARIA_LEONEL.pdf. Acesso em 03 de abr. 2022.

LIMA, Zeneida. **O Mundo Místico dos Caruanas da Ilha do Marajó**. Belém: Cejup, 2002.

PELINSER, André Tessaro. O espaço regional na literatura brasileira: Um problema de fronteiras. **Travessias interativas**. Ribeirão Preto: São Paulo. v. 4. n. 8. p. 54-64, 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/11035>. Acesso em 04 de abr. 2022.

PELINSER, André Tessaro; ALVES, Márcio Miranda. A permanência do Regionalismo na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, v. 1, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/29322>. Acesso em 14 de mai. 2022.

PELLEGRINI, Tania. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. **Luso-Brazilian Review**. Estados Unidos. v. 41. n. 1. p. 121-138, 2004. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/349138657/Milton-Hatoum-e-o-Regionalismo-Revisitado>. Acesso em: 13 de abr, de 2022.

PICOLO, Natália Chaves. (Des)construção dos espaços narrativos na obra Dois Irmãos, de Milton Hatoum. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2016. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/139544/picolo_nc_me_assis.pdf?sequence=3. Acesso em: 15 de março de 2022.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira na era da multiplicidade. In: **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SILVA, Joanna da. Panorama da produção literária de Milton Hatoum e de sua recepção, em homenagem aos vinte anos de Relato de um certo Oriente. **Revista Somanlu**. Amazonas. n. 1. p. 107-123, 2010

SOUZA, Maria Luiza Germano de. “Variações sobre o mesmo tema”: Regionalismo literário em foco. **Revista Decifrar**. Manaus. v. 2, n. 1. p. 44-60, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/Decifrar/article/view/1025/920>. Acesso em 22 de abr. de 2022.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.

VICENTINI, Albertina. Regionalismo literário e sentidos do sertão. **Sociedade e Cultura**. Goiânia. v. 10, n. 2. p. 187- 196, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/3140/3145>. Acesso em: 08 de mai. de 2022.



Orphans of Eldorado: roots of regionality in amazon fiction

ABSTRACT:

Contemporary Brazilian fictional literature is a complex literature, as is its time of production. It is directly related to a thematic, stylistic and aesthetic diversity in dialogue with a dissolute contemporaneity and in an ostensible process of updating. Therefore, the objective of this article is to discuss the regionality revisited in the work *Órfãos do Eldorado* (2008), by the Amazonian author Milton Hatoum, for this, the bibliographic discussion was used as a method. In this perspective, regional aesthetics and memory as a narrative argument were analyzed as basic elements in the narrative understanding of Milton Hatoum's work.

KEYWORDS:

Contemporary
fiction.
Indigenous Tales.
Regionality.
Memoirs.